

«Queremos com a África do Sul um clima de boa vizinhança»

«NÓS CONTINUAMOS a condenar o 'apartheid', não reconhecemos os bantustões, continuamos a manifestar a nossa solidariedade política, moral e diplomática ao ANC», disse ao EXPRESSO o ministro dos Assuntos Económicos junto da Presidência da República Popular de Moçambique, Jacinto Veloso.

Jacinto Veloso chegou quinta-feira a Lisboa, numa viagem que o levará à França e Argélia (com possível retorno a Portugal), a fim de tratar de problemas de cooperação e, sobretudo, explicar aos respectivos governos o entendimento de Moçambique sobre os problemas em jogo na África Austral, especialmente o estado de relacionamento com os sul-africanos após as conversações havidas em M'Babane, capital da Suazilândia, a 20 de Dezembro último, conversações presididas do lado moçambicano pelo ministro para os Assuntos Económicos e do lado sul-africano pelo ministro dos Negócios Estrangeiros, Botha.

Em Lisboa, encontrar-se-ia Jacinto Veloso, logo após a sua chegada, com Frank Wisner, o sub-secretário americano que mais se tem ocupado dos problemas daquela área. Note-se que também os americanos condenam o

Augusto de Carvalho

«apartheid» e não reconhecem os bantustões. «Protege-se chegar, antes de mais, diz-nos Jacinto Veloso, a uma situação de convivência pacífica entre Moçambique e a África do Sul e, para isso, é necessário que nenhum Estado possa servir de base para o lançamento de acções violentas contra outro Estado. É este o princípio em que se pretende acordar e julgo que vamos chegar lá... Nem a partir de Moçambique contra a África do Sul, nem a partir da África do Sul contra Moçambique.»

Claro está que Moçambique pensa na Resistência Nacional Moçambicana e a África do Sul no ANC. Só que a África do Sul, para além de fornecer com armas, bases e técnicos de apoio a RNM, já por mais de uma vez desencadeou, enquanto Estado, acções de guerra contra Moçambique. Recordo-se, a este propósito, um raid aéreo na Matola, a operação de comandos na mesma localidade em que foi, inclusive, morto um cooperante português e o assalto contra os alegados escritórios do ANC no Maputo, acções estas rei-

indicadas pelas autoridades sul-africanas.

Pode daqui inferir-se que Moçambique vai deixar cair o ANC? «De forma alguma. Só que no ANC há que distinguir a frente anti-'apartheid', globalmente apoiada enquanto frente contra um sistema condenado por todo o mundo, e as acções violentas que nem todo o mundo aprova. Moçambique — sublinha Jacinto Veloso — não permitirá que, a partir do seu território, sejam desencadeadas acções violentas, mas nem por isso vai deixar de condenar o 'apartheid' com o mesmo vigor. Pretendemos incrementar a política de boa vizinhança de convivência pacífica na região. Como diz o nosso presidente, 'os vizinhos não se escolhem'. Há que manter com eles, por conseguinte, o melhor relacionamento possível.»

Segundo o pensamento oficial moçambicano, pertence aos sul-africanos resolver os seus próprios problemas, sendo o «apartheid» o maior de todos. Por outro lado, o ANC, salientar-nos-ia Veloso, é uma organização que já conta 72 anos. Pode mesmo dizer-se que influenciou o nascimento do FRELIMO. O próprio Mandela está na cadeia há vinte anos, mu-



Jacinto Veloso

to antes, portanto, de Moçambique independente.

A nossa compreensão da situação é a seguinte: «A África do Sul é um país independente e soberano afectado por um sério problema condenado internacionalmente. Os movimentos que tentam destruir o 'apartheid' não lutam contra uma ocupação colonial. Mas é um problema interno da África do Sul.»

Jacinto Veloso salientaria, a propósito, o papel positivo desempenhado pelos Estados Unidos nesta área, que já começam a compreender que a política moçambicana, e também a angolana, se enquadra na defesa da própria independência e que não serve linhas de confrontação global. Tra-

ta-se de problemas específicos da região e do direito que os povos têm à sua independência, a qual só existe num quadro multiplicado de dependências várias.

Mas o SADCC não é um instrumento de desenvolvimento contra a África do Sul?

«De forma alguma, diz-nos Jacinto Veloso. Há muitos países do SADCC que têm relações bilaterais com a África do Sul. O SADCC é um instrumento de desenvolvimento dos países da zona e pode ser um instrumento de reforço com a África do Sul.

E o FMI?

«Ainda não há uma decisão definitiva, mas a consequência lógica das conclusões do IV Congresso é a nossa adesão ao FMI e ao Banco Mundial e, por outro lado, estamos a trabalhar activamente na Lomé 3, para o que criámos um grupo específico, embora não tenhamos aderido a ela formalmente.» Há, entretanto, quem afirme que Moçambique se ajoelhou perante a África do Sul?

A resposta a esta nossa pergunta foi seca e cortante: «Desejamos manter relações de boa vizinhança. Não queremos a guerra, mas também a não tememos. Pensamos, no entanto, que prevalecerá o bom senso e pela nossa parte es-

tamos optimistas quanto à criação de uma situação de paz.»

Paz que a Resistência Nacional Moçambicana, através do seu delegado em Lisboa, Jorge Correia, aliás cidadão português, diz não ser possível, enquanto não houver negociações com a RNM. Moçambique, porém, não aceita a sua existência enquanto grupo de expressão nacional organizado. Continua a chamar bandidos (de bando, quadrilha) aos seus elementos e afirma ter neste momento, em seu poder, nas prisões, mais de três mil. Aliás foi lançada uma campanha para que se apresentem voluntariamente que não serão castigados. Garantiram-nos que os elementos capturados não serão mortos, mas integrados na vida moçambicana. Quanto à RNM, Jacinto Veloso afirmou não compreender como é que em Portugal é possível organizar e até reivindicar a prisão e morte de cooperantes portugueses e também planejar «acções banditescas» contra o seu país, estando à frente da organização cidadãos portugueses.

«Nós, em Moçambique, não permitiríamos que cidadãos moçambicanos organizassem actos de terrorismo contra Portugal, mas pelos vistos, em Portugal, actuam clara e livremente.»